

RUA MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Lei nº 1780 de 26-06-1957, Artigo 1º, Inciso 10

Formada pela rua 21 da Fazenda Taquaral

Início na rua Fernão Lopes

Término na rua Padre Antonio Vieira

Parque Taquaral

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Ruy Helmeister Novaes. Esta via era antes conhecida pelo nome de travessa Ana Eufrosina.

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

Manuel Maria Barbosa du Bocage nasceu em Setubal, a 15-setembro-1765 e faleceu em Lisboa, a 21-dezembro-1805. Era filho de José Luis Soares Barbosa e Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage. Fez seus estudos elementares com o clérigo espanhol D. Juan de Medina. Em 1779 ingressou na Academia Real da Marinha. Terminando esse curso transferiu-se para a Academia dos Guardas-Marinha. Designado para servir em Goa, embarca para as Índias em 1786. Não satisfeito, é transferido para Damão, no posto de tenente. Inconformado com a vida que levava, foge para Macau, onde passou as maiores privações. Em 1790, o governador dessa cidade da China, proporciona-lhe meios para seu retorno à terra natal. Já na Matropole, é admirado na Academia de Belas Artes, ou Nova Arcádia, adotando o nome de Elmano Sadino. Nesse mesmo ano de 1791, publicou seu primeiro livro, que se intitulou "Rimas". Depois depois, devido seus epigramas contra o formalismo literário da Sociedade, é expulso da Nova Arcádia. Levando uma vida libertina e desprezada de boêmia e bebedeira, lançou inflamados ataques contra os ridiculos da sociedade e da política contemporâneas, satirizando os costumes e saudando a revolução francesa e Napoleão. É perseguido pela polícia, sendo preso em 1797. Na prisão traduz trechos clássicos e peças teatrais de autores famosos, tais como: Rousseau, Racine, Tasso, Voltaire, Delille, Rosset, Lacroix, Arnaud, Anchet, Metastásio e Ovídio. Seus sonetos são considerados entre os mais perfeitos que se tem produzido no idioma português. Suas fábulas são consideradas como modelo de naturalidade. Foi improvisador de respeito e imbatível. Dentre suas produções, destacam-se: "Pavorosa Ilusão", "A Gratidão", "A Morte de Inês de Castro", "A Pena de Talião", "Rimas" (tomos de I a IV).

LEI N.º 1780, DE 26 DE JUNHO DE 1957

Dá nome a diversas ruas da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Passam a ter a denominação abaixo as vias públicas seguintes:

- 1 — LATINO COELHO — rua 1 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14 do mesmo arruamento;
- 2 — FERNÃO LOPES — via pública que abrange a rua 5 do arruamento da Fazenda Taquaral e rua 30 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 14 do primeiro arruamento;
- 3 — FERNÃO DE MAGALHÃES — rua 6 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14;
- 4 — EGAS MONIZ — rua 16 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 14;
- 5 — JAIME DE SEQUIER — rua 7 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início e término na avenida perimetral;
- 6 — GIL VICENTE — via pública que abrange a rua 28 do Jardim N.S. Auxiliadora e rua 22 do arruamento da Fazenda Taquaral, tendo início na avenida 10 ao primeiro loteamento;
- 7 — PADRE ANTONIO VIEIRA — via pública que abrange as ruas 23 e 24 do arruamento da Fazenda Taquaral, e que tem início na rua 12 do mesmo arruamento;
- 8 — ALMEIDA GARRET — via pública que abrange a avenida 10 do Jardim N.S. Auxiliadora e rua 12 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na Rua Carolina Florence;
- 9 — PADRE MANUEL BERNARDES — via pública que abrange a avenida 9 do Jardim N.S. Auxiliadora e a rua 8 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na Avenida Perimetral do último arruamento;
- 10 — MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE — rua 21 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 23 e término na rua 5.
- 11 — TEÓFILO BRAGA — rua 14 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na Avenida 1;
- 12 — CAMILO CASTELO BRANCO — rua 13 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início e término na rua 14 do mesmo arruamento;
- 13 — INÊS DE CASTRO — via pública que abrange as ruas 8 e 12 do Jardim N.S. Auxiliadora, tendo início na avenida 4 e término na rua 14;
- 14 — JOÃO DE DEUS — rua 7 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua Baronesa Geraldo de Rezende e término na rua 8;
- 15 — BARTOLOMEU DIAS — rua 15 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na avenida 1 e término na rua 12;
- 16 — JÚLIO DINIS — via pública que abrange as avenidas 1 e 3 do Jardim N.S. Auxiliadora, e que tem início na Rua Baronesa Geraldo de Rezende;
- 17 — EÇA DE QUEIROZ — rua 4-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 5-A e término na rua 1-A;
- 18 — FIALHO DE ALMEIDA — rua 5-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na avenida 1 do mesmo arruamento;
- 19 — GUERRA JUNQUEIRA — rua 6-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 20 — ALEXANDRE HERCULANO — rua 3-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 6-A e término na rua 7-A;
- 21 — PERO VAZ CAMINHA — rua 2-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 6-A e término na rua 7-A;
- 22 — D. MANUEL, O YENTUKUSU — rua 7-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 23 — GASPARE DE LEMOS — rua 9 do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 1-A e término na rua 4-A;
- 24 — ANDRÉ GONÇALVES — rua 4 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 3 e término na mesma;
- 25 — GONÇALO COELHO — rua 18 do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na rua 7 e término na rua 2;
- 26 — MARTIM AFONSO — avenida A do arruamento da Fazenda Taquaral, que tem início na avenida perimetral;
- 27 — PERO LOPES — via pública que abrange a rua 6 do Jardim Campinos e rua do Jardim Bela Vista e que tem início na Rua Vital Brasil;
- 28 — VASCO FERNANDES COUTINHO — rua 1-A do Jardim N.S. Auxiliadora, que tem início na rua 2 e término na rua 10;
- 29 — DUARTE COELHO — rua 1 do loteamento de Rafael Bonavita e outros, a qual tem início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 30 — FRANCISCO PEREIRA COUTINHO — rua 15 do arruamento do Parque Taquaral, com início na Rua Armando Salles de Oliveira (atual estrada p/ Mogi-Mirim) e término na mesma;
- 31 — JORGE DE FIGUEIREDO CORRÊA — rua 14 do arruamento da Fazenda Taquaral, com início na rua 13;
- 32 — PERO DE CAMPOS TOURINHO — rua 20 do arruamento do Parque Taquaral, com início na rua 15 e término na mesma;
- 33 — PERO DE GÓIS — rua 19 do arruamento do Parque Taquaral, com início na Rua Armando Salles de Oliveira e término na rua 15;
- 34 — DIOGO ALVARES — avenida 1 da Vila Nogueira, com início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 35 — TOMÉ DE SOUSA — rua 6 da Vila Nogueira, com início na rua 2 e término na avenida 1;
- 36 — DUARTE DA COSTA — rua 2 da Vila Nogueira, com início e término na rua 5 da mesma vila;
- 37 — MEN DE SÁ — rua 8 da Vila Nogueira, com início na rua 1 e término na rua 2;
- 38 — D. JOÃO VI — rua 7 da Vila Nogueira, com início na rua 2 e término na rua 4;
- 39 — MARQUÊS DE POMBAL — rua 3 da Vila Nogueira, com início na rua 4 e término na rua 7;
- 40 — VASCO DA GAMA — rua 9 da Vila Nogueira, com início na rua 3 e término na rua 5;
- 41 — D. AFONSO HENRIQUES — rua 4 da Vila Nogueira, com início e término na rua 2;
- 42 — D.ª LUISA DE GUSMÃO — rua 1 da Vila Nogueira, com início na Rua Armando Salles de Oliveira;
- 43 — NUNO ALVARES PEREIRA — via pública que abrange as ruas 10 e 5 da Vila Nogueira, e que tem início na confluência da rua 19 com a avenida 1;
- 44 — TOMÁS RIBEIRO — rua 15 da Vila Nogueira, com início na rua 10 e término na rua 1.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 26 de junho de 1957.

Ruy Hellmeister Novaes
Prefeito Municipal





BOCAGE, O "POETA"



Sim, sempre acontece. Uma debandada geral. Das senhoras, senhoritas e filhos menores. Está toda a família assim, depois do almoço do domingo, reunida ainda em volta da mesa para o bate-papo costumeiro, quando o espirituoso lança a pergunta fatal: "E aquela do Bocage, vocês conhecem?"

Evacuada convenientemente a cozinha ou a sala de refeições, é contada a "piada do Bocage". Quase sempre obscena, erótica, nada recomendável para ouvidos sutis e feminis. Porque Bocage, e outro injustiçado, o pagagaló, entraram definitivamente no "index" das tradicionais famílias brasileiras. Da paulistana quatrocentona à conhecidíssima e atuante TFM. Sim, ela: a tradicional família mineira.

Entretanto, quanta injustiça não estão fazendo com o Bocage. De certidão de nascimento: Manoel Maria Barbosa du Bocage. Injustiça mesmo. Pois que ele, depois de Camões, é sem dúvida a maior expressão literária da língua portuguesa. Que não primou, é certo, por uma linguagem para menina-mocada-família em seus poemas. Porém, todos eles de grande beleza e sentimento, puros e sublimes.

BOÊMIO NASCE BOÊMIO...

Se Bocage vivesse em nossos dias, e aqui no Brasil, no mínimo, no mínimo, seria um dos expoentes da "Bossa Nova". E como diz a música, sairia por aí cantando "boêmio nasce boêmio, deixa falar quem quiser".

Como era boêmio o Manoel! De passar noites inteiras na farras, bebendo e compondo sátiras. Sátiras que vieram dar em uma celebridade pouco recomendável, a ponto de a tradição popular atribuir ao grande poeta árcade toda a sorte de anedotas, divertidas algumas, pornográficas a maioria.

Mas não, não foi verdade. Bocage era, isto sim, um irreverente. Que não poupava, nos seus poemas e epigramas, fossem os poderosos da colônia, os padres ou mesmo a religião, em uma época em que a Inquisição fazia furor. Não afinava muito também era com a medicina e com os médicos. E costumava sintetizar essa sua ojeriza pelos facultativos de então, ver-sejando:

"Um velho caiu na cama;
Tinha um filho esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai;
Diz-lhe o velho suspirando:
Repara que sou teu pai".

Satírico, um dos maiores sonetistas da nossa língua, era também um repentista sem rival. A propósito, conta-se que uma noite, quando saía do Café Nicola, no Rócio, para casa, alguns rondantes da Guarda Real da Polícia, suspeitando de seu vulto meio embuçado, detiveram-no pistola em punho e, ao tempo em que o revistavam, perguntavam-lhe: "Quem és? De onde vens? Para onde vales?"

Ao que Bocage retorquiu:

"Sou o poeta Bocage.
Venho do Café Nicola,
E vou já para o outro mundo
Se me dispara a pistola".

Outra vez, quando se achava na casa da condessa de Oyenhausen, pediram as senhoras presentes a um pedante que recitasse alguma coisa. O homenzinho, lançando a Bocage um olhar de desprezo, disse que não fazia senão versos históricos, e desatou-se a recitar uma espécie de poemeto em que só falava de fenícios, de uma infinidade de nomes de povos da remota antiguidade, todos terminados em écios, ícios, ócios e úcios...

Bocage, quando o pedante terminou com a xaropada, esclareceu que poucos ensaios tinha feito no genero historico e levantando-se, declamou, glosando a figurinha difícil:

"Quando os povos da Dalmácia
Fizeram guerra aos da Grécia,
Saiu muita gente sécia
Da casa do rei da Trácia.
Houve disto gran falácia
Lá práns bandas da Fenícia;
Porém, temendo a malícia,
De gente tão pouco sócia,
Se foram para a Beócia.
Para se curar da ictéria".

A DESCOBERTA DO MUNDO

Nasceu Manoel Maria Barbosa du Bocage no dia 13 de setembro de 1765, na cidade de Setúbal, filho do bacharel José Luís Soares Barbosa e de dona Mariana Joaquina Xavier Lestof du Bocage. Do avô materno, Gilles Hedois du Bocage, oficial da Marinha francesa que na guerra de Portugal contra a Espanha prestou seus serviços à Armada Lusitana, herdou o espírito aventureiro que iria influenciar em todas as suas atitudes e em sua vida.

Aos 21 anos engajou-se como guarda-marinha em um navio com destino à Índia, tendo feito curta escala no Rio de Janeiro. Goa, porém, assim como os portugueses que lá viviam, desencantou-o de imediato. Destacado para servir em Damão, acabou desertando e fugindo para Macau, em companhia do alferes Manoel José Dionísio.

Em 1790, precedido já de larga fama como verzejador, retornou a Lisboa, sendo logo convidado para fazer parte da "Academia de Belas Artes", ou a "Nova Arcádica". Como era uso entre os poetas árcades, ado-

udou o pseudônimo de Elmano Sadino (de Sado, rio que banha Setúbal). Teve início, então, para Bocage, um período de vida libertina e desregrada, de boemia e bebedeiras.

Devido às suas sátiras, que não perdoavam ninguém, quando chegou inclusive a atacar as bases da concepção religiosa do mundo, na celebre epístola "Pavorosa Ilusão da Eternidade", começou a ser perseguido pela polícia. Em especial pelo intendente Pina Manique, que, naqueles tempos, procurava livrar Portugal da infiltração de "idéias francesas".

Mesmo vigiado pela "segurança", Bocage não se cansava de exaltar a revolução francesa; cantava em Napoleão Bonaparte o "novo redentor da natureza" e atacava o "feroz despotismo" então reinante. Para a polícia, era mais que o suficiente. Até que um dia foram procurá-lo na residência do cadete André da Ponte do Quental e Camara, tio do poeta Antero de Quental, onde o boêmio vivia. Não o encontraram lá, entretanto, mas escondido à borda da corveta "Aviro", que estava de partida para o Brasil.

Detido, foi encarcerado no Limoeiro, como incurso em "papéis impios, sediciosos e criticos". Por influencia de seus amigos, conseguiu-se que a acusação inicial "delito contra o Estado", passasse à categoria de "erro contra a religião", de bem mais suaves consequências. Foi assim transferido para os cárceres da Inquisição, de lá para o convento de São Bento da Saude e por fim, para o Hospício dos Necessitados. Poucos meses depois, era solto.

O FIM

Aos 40 anos, a boemia e o alcool haviam feito de Bocage um velho precoce e um atormentado. A lembrança de um antigo amor torturava-o constantemente. Saudades de Maria Vicência, filha de Antonio Marçal Leite, dono de uma pensão onde o poeta viveu certa época; bela totem a quem a mãe, ao morrer, fizera jurar que nunca se casaria com Bocage, a seu ver boêmio incorrigível, aventureiro e vagabundo.

E veio a manhã do dia 21 de dezembro de 1805. Depois de longa enfermidade, fechava para sempre os olhos aquele que toda Lisboa chamava de "O Bocage". Quando o povo ficou sabendo de sua morte, acorreu à casinha da travessa André Valente, e chorou o seu poeta. O poeta tão irreverente que, na agonia, pregava febrilmente à mocidade: "Se me crêste, gente ímpla, rasga meus versos, crê na eternidade!"

Libidinoso, sujo ou obsceno, Manoel Maria Barbosa du Bocage foi, acima de tudo, um poeta. Um senhor poeta, esta é a verdade. Vá lá, talvez um pouco incompreendido em sua época. Pois que alguns anos depois, a ele assim se referiu um também poeta: "Em Portugal, a arte de fazer versos chegou ao apogeu com Bocage e depois dele decaiu". Quem assim falou foi o Olavo Bilac, (M. A. M.)



MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE-
Poeta português-N. a 17.9.1766 em Setubal e fal. a 31.12. de 1805, em Lisboa. Fez seus estudos elementares com D. Juan de Medina, clérigo espanhol. Em 1779 ingressou na Acad. Real da Marinha. Terminando esse curso transferiu-se para a Acad. dos Guardas-Marinhas, fundada nessa época. Designado para servir na Índia, embarca em 1786. O seu temperamento irrequieto levou-o a desertar, em 1788, para Macau, onde passou as maiores privações. Em 1790, p governador interino, proporcionou-lhe os meios para o seu retorno a terra natal. Em Portugal, entra para a "Nova Arcadia", tomando o nome de Elmano Badino. Entretanto tempos depois, é expulso em virtude de seus epigramas contra o formalismo literário dessa sociedade. Como autor de "papeis críticos, sediciosos e ímpios" é recolhido em 1797 ao Limoeiro. Após 3 meses de reclusão passa-se ao cárcere de Sto. Ofício, Valendo-se de seu talento e da influência do ministro Jose Seabra da Silva, consegue sua transferência para o Mosteiro das Necessidades até a sua liberdade. Durante o encarceramento traduz obras de Delile, Florian, Rosset, Castel, Lacroix e outros, e as "Metamorfoses" de Ovídio, q. lhe valeram renome entre os eruditos. Suas melhores produções: "Pavorosa Ilusão", "A Gratidão", "A Morte de Ines de Castro", "A Pena de Talião", "Rimas" (tomos I a IV). As suas fabulas são consideradas como modelo de naturalidade. Dotado de l talento invulgar, não era homem de grande cultura e gde ideias, mas possuidor de l viva imaginação e aguda sensibilidade. Sua principal qualidade era a espontaneidade e a facilidade no manejo da versificação que a esbanjava em improvisações. Em 1853, Setubal perpetrou no bronze a memória de + illustre dos seus filhos.